



## NOTAS: “CANGAÇO”

*para contra capa do eventual vinil, texto de Sylvio Fraga*

Bernardo é um sonhador que estuda. Ele é um pensador que tem fé no instinto e no corpo. Seu processo como compositor tende a ser demorado e nos últimos tempos um Brasil despedaçado acentuou sua tendência de compor explicitamente por pedaços. Por isso nos surpreende, em meio aos contrastes, a coesão não só no interior de cada obra, mas também na relação entre elas.

Neste disco algumas peças surgiram de métodos ligados à música serial e às infinitas possibilidades desse universo que altera radicalmente o costumeiro *modus operandi* da inspiração, potencializa e organiza a composição por partes; além de abrir um campo fertilíssimo para o improvisado. Só as duas baladas nasceram prontas, a despeito da desconfiança do próprio compositor.

Em meio à *vocação de caliça* da música dodecafônica ouço sempre o coração lírico do Bernardo, que recebeu a devida educação pela canção brasileira. Ele *sabe* a canção brasileira e precisa do Djavan tanto quanto precisa de Webern. Imagino as baladas como cartas de amor a Nana Caymmi, sua guitarra parece almejar uma letra que existe mas não foi escrita, característica de muitos grandes instrumentistas. E as não-baladas, os improvisos mais ossudos, guardam em seu seio a voz humana.

Inclusive é preciso falar da formação insólita do quinteto: um guitarra trio com trombone e voz. Beth Dau (voz) e Bruno Aguilar (baixo), parceiros desde quando integravam a Itiberê Orquestra Família, se juntam ao baterista mineiro Felipe Continentino e ao trombonista capixaba Rafael Rocha. Joana Queiroz (clarineta e clarone), também antiga companheira musical de Bernardo, participa como se fosse do grupo. São artistas singulares na cena brasileira e

todos improvisadores de ofício. Importante ressaltar que essa formação nasceu antes pela escolha dos artistas do que pelos instrumentos que eles tocam, mas resultou numa rara paleta de timbres.

O disco abre com **Intensidades n<sup>o</sup>1** e entendemos que não se trata de jazz (velho termo problemático) nem de instrumental “brazuca”. A guitarra solo faz um preâmbulo e chama o resto do grupo – dali saem juntos pelo sertão sendo afetuosos e violentos. Não é à toa que Glauber Rocha é herói de Bernardo. Associo esta peça a uma incursão cangaceira (levando uma guitarra com a areia certa de abrasividade) aos palcos eruditos na Europa. “Intensidades” não tem um único solo de improviso: é uma peça de câmara com liberdades e linguagens populares. E vale relacionar o plural do título com o encadeamento das partes. São capítulos de uma trama com espécie de refrão, irresoluções que justapostas pela mão sabedora se resolvem.

No início de **Sem barganha** o trio de base toca em formação de canavial, ondulando juntos ao vento do instante. É a arte preciosa de tocar aberto, muito diferente de tocar *free*. A melodia está no coração de todos, mas sem vir à tona. Aqui Bernardo, Bruno (baixo) e Felipe (bateria) investigam seu amor por Paul Motian e Masabumi Kikuchi. O tema então surge maduro e cristalino na voz e no clarone e nos leva até o improviso elegante meio apaixonado de trombone que dialoga sem medo com a tradição baladeira.

Para fechar o lado um temos **Cangaço**, peça que dá título ao trabalho, na qual o Bernardo arranjador e compositor são um só, como numa parceria de letra e música. De uma trama atonal ele extrai a água mais refrescante do sertão. Creio que o ancestral mais próximo dessa obra e performance seja a “Série de arco”, de Hermeto Pascoal, com seu grupo extraordinário da década de 1980. Mas a obra de Bernardo respira e contrasta de outra maneira – e digere uma miríade de outros aprendizados do século XX, inclusive o próprio alagoano. É o cangaço do século XXI, Bernardo se entendendo e se desentendendo com seus heróis. O improviso do baixo merece a atenção de todos.

O lado dois abre homenageando Arrigo Barnabé, cancionista íntimo do dodecafonismo. **De quê** faz referência ao Arrigo gritar, quando toca “Sabor de veneno”, *Sabor de quê?!*, e a plateia responde: de *veneno!* Bernardo sempre lamenta que Elis Regina não teve tempo de cumprir o que declarava: cantar Arrigo. Nessa peça ele faz um improviso inspirado e pedregoso que de fato

mora num sertão desromantizado. Voz e trombone formam um naipe de aboios. Essa é a peça que mais perambula em fragmentos e miragens, com os *macacos* na cola do bando, nômade e portanto sempre em casa.

**Pro Bernardo**, composta por Itiberê Zwarg, é uma peça curta que Bernardo resgatou de partituras antigas dos tempos da Orquestra. É a única não autoral do LP, mas escrita originalmente para quinteto de baixo elétrico, Bernardo a adaptou para quatro guitarras e um baixo elétrico. Ele enxergou que essa peça brilharia, literalmente, com guitarras: os acordes aglomerados no agudo cintilam, a dissonância é acolhedora. Os *overdubs* têm seu lugar digníssimo.

**Gratidão** parece um *standard* atemporal, com forma alterada sem alarde. O trombone começa o tema e parece que se transforma na voz que pega o fio da melodia e segue. Depois se entrelaçam com uma delicadeza comovente. Imagino uma espécie de tragédia: o som do trombone quer amar o som da voz, mas isso é impossível porque um é humano e o outro não. Ou: o trio de base é a banda de um casal que dança. Devaneios à parte, ressalto a repetição do tema na guitarra, cantado com calma e confiança no que é estritamente necessário dizer. No improviso-conversa entre guitarra e trombone, a base-conversa entre baixo e bateria merece igual destaque. Uma nova seção surge no fim e nos ensina que o sentimento de gratidão é coisa de se celebrar.

*Sylvio Fraga*